

DAS FÁBULAS, PERVERSIDADES E OUTRAS POSSIBILIDADES: A GLOBALIZAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

ON FABLES, PERVERSITY AND OTHER POSSIBILITIES: GLOBALISATION IN GEOGRAPHY TEXTBOOKS

DE FÁBULAS, PERVERSIDADES Y OTRAS POSIBILIDADES: GLOBALIZACIÓN EN MANUALES ESCOLARES DE GEOGRAFÍA

Simone da Silva Flores

Pós-graduanda Lato Sensu na Especialização de Ensino da Geografia e da História
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Endereço eletrônico: flores.simone@gmail.com

Ivaine Maria Tonini

Professora Dr^a. Programa de Pós-Graduação em Geografia
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Endereço eletrônico: ivaine@terra.com

RESUMO

O presente artigo apresenta a globalização como temática a ser analisada nos livros didáticos de Geografia. O interesse em trazer para discussão é por observar que o processo da globalização passou a ter um lugar de evidência nos debates da sociedade contemporânea, refletindo em sua organização espacial, política, econômica e social. A disciplina escolar responsável por fazer essa discussão é a ciência geográfica, com a mediação dos geógrafos educadores. Partindo do entendimento que o mediador da construção do conhecimento do educando é o professor e o espaço ocupado pelo livro didático no ensino, como ferramenta auxiliar, e este sendo um elemento de síntese de alguns apontamentos trazidos pelo conhecimento geográfico, de modo que venha a auxiliar na reflexão do aluno no processo de apreensão da realidade. Assim, nessas premissas, o estudo faz uma análise do conceito de globalização nos livros didáticos na concepção de Milton Santos sobre globalização, a qual é apresentada por três concepções: como fábula, como perversidade e como possibilidade. Identificar nos livros selecionados do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) para 2014 a globalização vista pelas visões do teórico significa analisar a linguagem utilizada pelos autores dos livros, o que vem a ser o processo de globalização nos dias atuais e refletir como o tema é apresentado aos estudantes de Ensino Fundamental, pelos livros didáticos. As análises mostraram que os livros apontam uma globalização mais para perversidades e fábulas do que a indicação de outras possibilidades para uma outra globalização.

Palavras-chave: Globalização. Livro Didático. Geografia.

ABSTRACT

This paper introduces globalisation as a subject to be analysed in Geography textbooks. The interest to put forward for discussion is for noting that the process of globalisation came to be foregrounded in the contemporary society debates, reflecting upon its special, political, economic, and social organisation. The discipline accountable for putting forward for this discussion is Geographic Science with geographer teachers. It is based on the understanding that the mediator for the student knowledge construction is the teacher, and the textbook is a helping tool as an agent synthesising information the geographic knowledge gives, so that it helps the student to reflect in the process of understanding the reality. From these premises, the study analyses globalisation concept in textbooks according to Milton Santos's view of globalisation presented in three conceptions: as a fable, as perversity and as a possibility. Identifying his view of globalisation in books the PNLD (National Programme for the Textbook) selected for 2014 means analysing the language writers used, which is the current process of globalisation, and examining how textbooks introduce the subject to primary-school students. Analyses showed that books introduce globalisation as perversities and fables rather than possibilities for an alternative globalisation.

Keywords: Globalisation. Textbook. Geography.

RESUMEN

En este artículo se presenta la globalización como un tema a ser discutido en los manuales escolares de Geografía. El interés en el ejercicio de discusión es mediante la observación de que el proceso de globalización tiene ahora un lugar de pruebas en los debates de la sociedad contemporánea, que refleja su organización espacial, político, económico y social. La disciplina escolar responsable de esta discusión es la ciencia geográfica, con la mediación de los educadores geógrafos. Con base en el entendimiento de que el mediador de la construcción del conocimiento del alumno es el maestro y el espacio ocupado por el libro de texto en la enseñanza, como herramienta auxiliar, y esto es un elemento de la síntesis de algunas notas presentadas por el conocimiento geográfico, por lo que ayudará a reflexión de los estudiantes sobre el proceso de aprehensión de la realidad. Por lo tanto, estos supuestos, el estudio analiza el concepto de la globalización en la concepción didáctica de Milton Santos sobre la globalización, que es presentado por tres concepciones en manuales: como una fábula, como una perversidad, como una posibilidad. Identificar el PNLD seleccionado (Programa Nacional de Libros Didáticos) para 2014 la globalización em visiones de lo teórico para analizar el lenguaje utilizado por los autores de los manuales, que pasa a ser el proceso de globalización en el día de hoy y reflexionar cómo el sujeto es presentado a los alumnos de la escuela primaria, los manuales escolares. El análisis mostró que los manuales apuntan a una globalización más perversa y fábulas que una indicación de otras posibilidades para otra globalización.

Palabras- clave: Geografía. Globalización. Manuales escolares.

Primeiras Considerações

Globalização como querem os teóricos anglo-saxões ou mundialização como querem os francófonos é um processo que resulta do aprofundamento e da mundialização das relações e das práticas sociais no espaço. Tal aprofundamento, de acordo com Santos (2001), é fruto do desenvolvimento e do aperfeiçoamento das técnicas, da ciência e da informação.

Em consequência é um tema corrente nas demandas da sociedade, pois promove a discussão sobre como nos organizamos no espaço e vivenciamos o tempo nos dias atuais. De tal modo, é abordado pela ciência geográfica, sendo os geógrafos educadores responsáveis pela sua abordagem no cotidiano escolar.

O livro didático é entendido como uma ferramenta de auxílio em sala de aula. Como uma das ferramentas do professor, o livro didático não pode se apresentar de forma única e absoluta, a não ser como um elemento ímpar, no qual o auxilia, devendo a se somar a outras formas escolhidas pelo mesmo no processo de aprendizagem do aluno.

O espaço ocupado pelo livro didático no ambiente escolar, como ferramenta que auxilia o professor, é importante porque se constitui num elemento que sintetiza alguns dos principais conceitos da ciência geográfica. Além de auxiliar o professor deve servir como um elemento auxiliar também para o aluno, de modo que seja capaz de exercitar a sua reflexão a cerca do mundo.

Desse modo, analisar e comparar os livros didáticos que chegam às escolas públicas pelo PNLD cumpre com a função de abordar essa temática de forma esclarecedora e crítica.

Este estudo tem como principal enfoque a análise do conceito de globalização nos livros didáticos do oitavo e nono ano participantes do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para 2014. A proposta foi fazer uma análise a partir das ideias de mundo globalizado do teórico Milton Santos: *fábula, perversidade e uma globalização mais humana* e refletir como o tema é apresentado aos estudantes de Ensino Fundamental, pelos livros didáticos.

Para fundamentar este estudo buscaram-se referências bibliográficas, como David Harvey, Eric Hobsbawm, Milton Santos, Otávio Ianni, Rogério Haesbaert e entre outros, a partir disso fui elaborando um entendimento de globalização, onde permitiram colocar um olhar de estranhamento neste conteúdo registrados nos livros didáticos de

Geografia do Ensino Fundamental. Com esta perspectiva teórica foi possível construir um problema de pesquisa: como o conteúdo sobre globalização está inscrito nos livros didáticos de Geografia?

Para responder esse questionamento foi preciso atender os seguintes objetivos específicos: identificar os livros didáticos que apresentam os conteúdos de globalização, configurar como estes conteúdos estão inscritos nos livros didáticos e examinar como as concepções de globalização, de Santos (2004), estão registradas nos livros didáticos de Geografia.

A Geografia Escolar e a Globalização

O termo globalização se configura como um conceito chave para o entendimento do mundo atual e a geografia escolar deve permitir essa leitura ao estudante, possibilitando que esse seja um agente transformador da sociedade.

Em meio a tantos conceitos sobre o tema e devido às mudanças geradas nas diversas áreas da sociedade, a geografia escolar com seu saber configura-se como uma ferramenta responsável e necessária para a conscientização da sociedade sobre sua própria realidade socioespacial.

A educação geográfica parte da ideia de que as mudanças na organização do espaço cada vez mais rápidas modificam as leituras que se tem do espaço, defendido por muitos teóricos como o objeto de análise da Geografia. A partir dessa perspectiva, Cavalcanti (2010) aponta que o entendimento do espaço em que alunos estão inseridos torna-se mais complexo na era da globalização, uma vez que este processo articula múltiplas escalas, vai do lugar ao global, por exemplo. Assim, é necessário que se aprenda a olhar o espaço como um fato totalizante e relacional.

Cabe ao professor ser o mediador para a reflexão do aluno sobre essas mudanças. Rego (2000) diz que o conhecimento geográfico na escola permite ao aluno a articulação do entendimento sobre a sua interioridade e a exterioridade da configuração do espaço geográfico que os influencia.

É por essas premissas que a Geografia deve trazer pra suas aulas a responsabilidade da discussão do conteúdo sobre a globalização, por meio de suas diversas linguagens, com a finalidade de ter um processo de ensino e aprendizado com fomentos para o cotidiano do estudante.

Castrogiovanni e Goulart (2010) argumentam que o professor deve ter uma série de recursos didáticos que orientem a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades que possam modificar a conduta do aluno diante da realidade das mudanças que ocorrem em nossa sociedade.

O livro didático é um desses recursos, que auxiliam no sentido do currículo. Por isso, devem acompanhar as demandas dos professores em sala de aula. Cabe ressaltar, que o livro didático é apenas um dos suportes para aprendizagem quando utilizado de acordo com os objetivos traçados pelo docente para sua sala de aula. Desta forma, os conteúdos, valores e comportamentos e atividades que o livro sugere devem estabelecer uma relação entre os que pensam os alunos e o que é ensinado pelo professor para fazer com que a classe avance na aprendizagem (LAJOLO, 1996).

Diante disso, cabe destacar os avanços na legislação e nas políticas educacionais brasileiras que proporcionam novas perspectivas e desafios diante do aperfeiçoamento dos currículos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental foi elaborado em 1998 e trouxe orientações sobre como trabalhar diversos temas da Geografia. Assim os PCN's, como o próprio processo de elaboração aborda: “(...) deve ser o ponto de partida para o professor trabalhar os conteúdos de Geografia, não os de chegada” (BRASIL, 1998, p. 37)

Focando no tema globalização, no PCN do Ensino Fundamental de Geografia sugere a abordagem no quarto ciclo (oitavo ou nono anos) partindo que o desenvolvimento cognitivo do aluno já está mais maduro e assim que se trabalhe de forma mais complexa a teoria, diferentemente dos outros ciclos de aprendizagem (BRASIL, 1998)

Sobre os recursos didáticos, que são fontes fundamentais na elaboração e na execução do currículo e favorecem o aprendizado. Zabala (1998), conceitua como:

os materiais curriculares ou materiais de desenvolvimento curricular são todos aqueles instrumentos que proporcionam ao educador referências e critérios para tomar decisões, tanto no planejamento com na intervenção direta no processo de ensino/aprendizagem e em sua avaliação (p.167).

O autor evidencia neste trecho a importância dos recursos como instrumento para tomadas de decisão, tornando este aspecto fundamental para o desenvolvimento curricular.

Com esta perspectiva, em 1997, é criado o Programa Nacional do Livro (PNLD), que tem como objetivo avaliar a qualidade do livro didático que será adotado pela escola através de alguns critérios e princípios que irão nortear a escolha dessa obra que será adotada em sala de aula. Por esse motivo, o PNLD merece uma reflexão destacada para que tenhamos mais elementos para discutir a prática pedagógica frente ao livro didático.

Percurso Investigativo

Foram analisadas 11 (onze) obras didáticas aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para 2014, que estão descritos na Tabela 1. O conceito de globalização, como observado em um primeiro momento, compreende as etapas de 8º e 9º ano como sugere os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Assim, os onze selecionados possuem uma característica comum: livros que apresentavam o conteúdo de globalização de fácil identificação sejam por título de capítulos ou de subcapítulos.

Tabela 1 – Livros Didáticos de Geografia analisados

LIVROS SELECIONADOS	ANO	AUTORES	EDITORA	ANO ¹ - EDIÇÃO
GEOGRAFIA: Estudos para a compreensão do espaço	8º	TAMDJIAN, JAMES ONNIG MENDES, IVAN LAZZARI	FTD	2012
GEOGRAFIA: homem & espaço	8º	LUCCI, Elian Alabi BRANCO, Lazaro Branco	SARAIVA	2012
GEOGRAFIA: homem & espaço	9º	LUCCI, Elian Alabi BRANCO, Lazaro Branco	SARAIVA	2012
PROJETO RADIX: Geografia	9º	GARCIA, Valquíria Pires BELLUCCI, Beluce.	Scipione	2012
Geografia Sociedade e Cotidiano: espaço mundial	9º	ALBUQUERQUE de, Maria Adailza Martins de VITIELO, Marcio BIGOTTO, Francisco.	Escala Educacional	2012
Expedições Geográficas	8º	ADAS, Melhem; ADAS, Sérgio	Moderna	2011
Expedições Geográficas	9º	ADAS, Melhem; ADAS, Sérgio	Moderna	2011
PROJETO TELÁRIS: Geografia	9º	VESENTINI, J. W. Vânia, VLACH	Ática	2012
NOS DIAS DE HOJE: Geografia	9º	GIARDINO, Cláudio ORTEGA, Lígia CHIANCA, Rosaly Braga	Leya	2012
Perspectiva: Geografia	8º	MAGALHÃES, Cláudia SOURIENT, Lilian GONÇALVES, Marcos RUDEK, Roseni	Editora do Brasil	2012
undo da Geografia	8º	MOREIRA, Igor	Editora Positivo	2012

Organização: FLORES, 2014.

A partir deste critério procedeu-se as análises do estudo parte do solo teórico trazido por Milton Santos em seu livro *Por uma outra Globalização: do pensamento único a uma consciência universal* (2004), onde a globalização é apresentada por três concepções: como fábula, como perversidade e como possibilidade.

Olhares Analíticos

Aproximar os textos dos livros didáticos em análise com o livro *Por outra Globalização: do pensamento único à consciência universal* de Milton Santos, é propor uma interpretação das ideias desse teórico de forma a articulá-las com a realidade dos livros didáticos que estão ao alcance de alunos e professores em sala de aula.

Em seus últimos escritos Milton Santos tratou da globalização. Abordou seus aspectos econômicos analisando o papel das empresas na internacionalização do capital, mas também os fluxos financeiros e suas implicações na cultura local. Com isso, teorizou e criticou sobre estes aspectos do mundo contemporâneo propondo uma globalização solidária baseada em outros valores que se opunham a ideia de globalização de atores hegemônicos.

Identificar nos livros selecionados a globalização vista *como fábula, como perversidade e como ela pode ser* significa analisar a linguagem utilizada pelos autores desses livros com vista a *significar* o que vem a ser o processo de globalização nos dias atuais.

As análises apontaram mais perversidades e fábulas do que a indicação de outras possibilidades *para uma outra* globalização. Muitos autores alternaram ora entre perversidades, ora entre fábulas. Apenas três dos livros em análise discutiram a globalização *como ela pode ser*.

A *fábula* (como nos fazem acreditar que seja) no qual a ideologia é sustentada pelo sistema capitalista que tenta encobrir as desigualdades geradas pelo processo de globalização e com isso permite a continuidade desse sistema (SANTOS, 2004). Esteve presente nos temas abordados como: consumo de produtos, cooperação entre nações e acesso de informação e tecnologia.

A globalização como *fábula* torna-se mais evidente quando os autores argumentam que o enorme fluxo de armazenamento e informações transformam nosso cotidiano, além de permitir o maior acesso a compras, estudos, pesquisas e noticiários.

Caracterizam a sociedade atual como informatizada, mas não mencionam sobre a exclusão digital sofrida por muitos, como por exemplo, alguns países africanos, o que torna essa sociedade mais desigual.

A tecnologia e o consumo de mercadorias são apresentados como acessíveis a todos como no trecho a seguir:

há um século, meios de comunicação como rádio e o telefone tinham acabado de ser inventados, e nem todo mundo poderia tê-los, além de o acesso à informação ser restrito. Hoje em dia, é possível obter, em segundos – por meio dos noticiários televisivos, da internet e da telefonia móvel – informações sobre fatos, pessoas e paisagens de diferentes pontos do planeta (MELHEM ADAS e SÉRGIO ADAS, 2012 p. 50).

Santos (2004) justifica que há uma violência da informação, onde as técnicas de informação são utilizadas pelos atores dominantes para aprofundar as desigualdades geradas pela globalização. Ainda salienta que a informação que chega a grande maioria das pessoas é manipulada e confunde.

Outro tema que traz a fábula é o encurtamento do espaço/tempo pela tecnologia:

quando se fala em globalização há uma ideia com a qual muitos parecem concordar: o mundo ficou “mais próximo” (MOREIRA, 2012 p. 57).

Santos (2004) salienta que essa forma de fábula é sustentada por ações que difundem a noção de tempo e espaço contraídos, mas que mascara o mercado que homogeneiza e causa desigualdade entre os locais. O mesmo autor passar uma ideia de mundo difundido, instantâneo, gerando a percepção de encurtamento de distâncias, um mundo ao alcance de todos.

Nas abordagens os benefícios dos países periféricos com o processo e mercado financeiro mundial, muitos autores trazem a ideia de igualdade entre as nações, que fica melhor exemplificado no trecho a seguir:

a globalização, junto com a terceira Revolução Industrial, permitiu que alguns países subdesenvolvidos se modernizassem rapidamente, mas isso graças a sua política interna: investimentos em educação de qualidade e acessível a todos, combate à corrupção, investimentos em infraestrutura (VESENTINI e VLACH, 2012 p. 259).

O trecho é considerado fábula, pois é notório que no processo de globalização os países “ditos” subdesenvolvidos investem pouco em educação, sendo acessível a poucos e com grandes índices de corrupção. Santos (2004) afirma que quanto mais se envolve passivamente no processo de globalização, maior é a desigualdade que se vê internamente no local, uma vez que o que se observa é a transferência de recursos para o setor econômico em detrimento do social.

Santos (2004) ainda argumenta que os países periféricos atraídos pelas promessas de estabilização da economia e fortalecimento da moeda nacional não atingiram o desenvolvimento a partir da adoção de medidas neoliberais, mas tiveram suas desigualdades internas aprofundadas, enquanto os mais abastados tiveram suas riquezas mantidas ou aumentadas:

os grupos favoráveis à globalização colocam que as políticas aplicadas poderão amenizar as desigualdades sociais no âmbito interno de cada país, como também entre nações desenvolvidas e subdesenvolvidas. Além disso, enfatizam que as políticas neoliberais, norteadas do atual estágio da globalização, poderão trazer para os países subdesenvolvidos maior oferta de empregos como consequência da instalação das multinacionais (ALBUQUERQUE e BIGOTTO, 2012 p. 39).

Os pobres ficaram mais desprotegidos com a minimização do Estado, uma vez que as grandes empresas, dominadoras e empreendedoras do processo de globalização, não têm qualquer responsabilidade moral ou social em promover o efetivo desenvolvimento, baseado, sobretudo, na redução de dicotomias, o que sugere a fábula do trecho do livro, sabendo que as disparidades entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos só aumentaram.

A visão de mundo, perversa, ou seja, como a globalização realmente é. Santos (2004) salienta que é como de fato o atual processo se encontra para grande parte da população mundial, uma fábrica de perversidades.

Os temas mais recorrentes nas abordagens consideradas como perversidade são: dependência de economias de países pobres, tecnologia como dominação econômica, interdependência entre capital e consumo, falta de acesso de serviços essenciais, divisão dos países norte e sul, empresas transnacionais, crescimento de pobreza, consumo desenfreado, divisão do trabalho, competitividade e aldeia global.

Vale destacar que alguns livros citam a tecnologia como fator de dominação dos interesses econômicos:

a revolução-técnico-científico-informacional tem favorecido particularmente as empresas, que precisam melhorar seu desempenho numa economia capitalista cada vez mais concorrida (TAMDJIAN E MENDES, 2012, p. 59).

Em nome da competição de mercados as empresas globais se auxiliam do progresso científico e tecnológico. Isso gera maior competitividade e o surgimento de novas técnicas que permitem o crescimento da produtividade, do lucro e o domínio sobre a economia. Santos (2004) identifica que essa competitividade é resultado da ditadura da informação e do dinheiro sustentados pelo avanço técnico em benefício de poucos. Juntos fornecem os pilares de sustentação para a perversidade da globalização.

Ainda sobre a competição e o consumo, muitos livros apresentam como perverso a vida baseada no consumo desenfreado e nos valores sociais, em que se valoriza o ter em detrimento do ser. Santos (2004) diz que isso gera uma competição em que tudo vale a pena pela melhor posição e ocasiona o enfraquecimento dos valores sociais e o aumento da violência.

As consequências negativas do processo na organização do espaço mundial com o surgimento de empresas transnacionais e as relações de interdependência entre capital e consumo são encontradas, mas fragmentados em muitos capítulos:

como o comércio tem se ampliado incessantemente, envolvendo um número crescente de agentes, as empresas e os países precisam se tornar cada vez mais competitivos. Isso significa que os produtos devem ser de boa qualidade e ainda ter preços baixos (MOREIRA, 2012 p. 56).

Santos (2004) identifica que essa competitividade é resultado da ditadura da informação e do dinheiro sustentados pelo avanço técnico em benefício de poucos. Juntos fornecem os pilares de sustentação para a perversidade da globalização.

Moreira (2012) relaciona essa forma econômica de se relacionar com o espaço que estimula e evidencia a divisão entre países do norte e sul. É perverso, pois como Santos (2004) justifica, o território encontra-se cada vez mais fragmentado e direcionado para a economia.

O terceiro mundo como o autor imaginou como possibilidade, ou seja, *uma outra globalização*, no qual aponta sugestões de mudanças onde a globalização seja mais humana. Para a globalização mais humana: manifestações (grupos de resistência) e tecnologia como disseminadora de novas possibilidades. As bases materiais do período

atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a *globalização perversa*. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos.

Foram encontrados apenas esses dois temas. Dos onze livros, somente três abordaram, entretanto de forma superficial esses temas:

é interessante notar que esses movimentos, e as ONGs, são estruturados por pessoas de diferentes países, formando redes internacionais. Eles se articulam com o apoio de recursos tecnológicos, que são, por sua vez, marca do progresso de globalização, como a internet (LUCCI e BRANCO, 2012 p. 49).

A informação e a tecnologia tornam possível a identificação, tanto na vida material como na ordem intelectual, do desamparo a que as populações são relegadas, levando, paralelamente, a um maior reconhecimento da condição de escassez e à novas possibilidades de ampliação da consciência (SANTOS, 2004).

Os livros didáticos que encontramos uma *globalização mais humana* também problematizam os debates e resistência e citam grupos que promovem a resistência: estudantes, sindicalistas, organizações sociais e partidos políticos. Ainda complementam que esses grupos denunciam a exclusão das regiões mais necessitadas nesse processo e justificam que esses grupos que desejam uma globalização mais solidária, que possa trazer o bem-estar para toda a humanidade e distribuir igualmente os benefícios produzidos pelos avanços tecnológicos.

De acordo com Santos (2004) a facilidade de acesso e de disseminação da informação pode ser um grande veículo para um mundo mais solidário. Só o que precisamos é que nossa consciência desperte o que ainda há de solidário em cada um de nós. É sim possível lutar por uma globalização menos perversa, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando a belicosidade do processo competitivo que todos os dias reduzem a mão-de-obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar onde a sociedade viva com mais qualidade.

Há muitas citações sobre as contradições no processo de globalização, entretanto de forma bastante superficial. Assim, buscam nas manifestações a consciência de um processo desigual e contraditório. Sobre outra possibilidade do processo argumentam:

as manifestações contra a globalização acontecem por todo o mundo, numa reafirmação do repúdio de uma parcela da sociedade ao fenômeno, que não tem gerado riqueza para todos (MAGALHAES, GONÇALVES e RUDEK, 2012 p. 52).

De acordo com Santos (2004) a tomada de consciência da situação de dominação e inferioridade, das relações internas para as externas, levará a uma revisão dos pactos que atualmente conformam a globalização. O que poderá gerar certo distanciamento do processo atual que se configura como desigual e danoso para os países “ditos” subdesenvolvidos.

Outros autores partem da possibilidade de uma *globalização menos perversa* com o auxílio do fluxo de informações disseminadas pelas tecnologias. Como exemplos trazem a utilização de mídias e redes sociais que ajudam a disseminar as ideias e as manifestações contrárias às perversidades do processo de globalização. Santos (2004) deixa claro que informação e a tecnologia tornam possível a identificação, tanto vida material como na ordem intelectual, do desamparo a que as populações são relegadas, levando, paralelamente, a um maior reconhecimento da condição de escassez e à novas possibilidades de ampliação da consciência.

Das Considerações Finais

A análise do conceito de globalização a partir dos livros didáticos se mostrou de suma importância devido, principalmente, a dois fatores. O primeiro diz respeito à importância do conceito com vista a compreender melhor o espaço mundial nos dias de hoje. O fluxo crescente de informações, o intercâmbio de ideias e de ciências, a interação entre múltiplas culturas e povos distintos, o avanço tecnológico, etc., são características que marcam o espaço geográfico atual, tornando-o complexo. O segundo diz respeito ao espaço ocupado pelo livro didático no ambiente escolar. Como ferramenta que auxilia o professor, o livro didático é importante porque se constitui num elemento que sintetiza alguns dos principais conceitos da ciência geográfica. Além de auxiliar o professor deve servir como um elemento auxiliar também para o aluno, de modo que seja capaz de exercitar a sua reflexão a cerca do mundo.

De um modo geral, os livros didáticos apontaram para uma abordagem sobre a globalização tomada mais como fábula e como perversidade, de modo que a

globalização como possibilidade foi pouca observada. Nesse contexto os livros ressaltaram mais os efeitos positivos e negativos do processo globalizatório.

A cerca do terceiro nível de análise – a *globalização como possibilidade* – se resalta a importância maior do papel do professor. O professor como mediador do processo do conhecimento deve conhecer das potencialidades intelectivas do aluno de modo que venha a potencializa-las por meio de incitações que permitam uma apreensão crítica, por parte do aluno, a cerca da realidade. É o aluno através do seu processo de amadurecimento intelectual e de sua tomada de consciência como um ser existencial no mundo que deve responder aos anseios de como pode ser o mundo ou a sociedade almejada. Que mundo “eu aluno” desejo? Que outra globalização é possível?

Sabe-se tanto dos efeitos negativos do processo, mas também se sabe que o mesmo oferece ferramentas que, se bem utilizadas, podem servir de plataforma para a liberdade, ou seja, a técnica, em especial aquela aplicada à comunicação, por exemplo, pode produzir integração em dois âmbitos principais: com o mundo e com o grupo. A partir da mobilização é possível denunciar os malefícios e engodos de uma dominação mascarada, possibilitando a liberdade fundada no ser global integrado com o mundo, sem deixar de contemplar o ser local, integrado com o grupo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, 1998b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>>. Acessado: 5 de jun. de 2014.

_____. Lei de Diretrizes e Bases. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei9394.pdf>>. Acessado: 5 jun. 2014.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos e GOULART, Ligia B.. **Geografia em sala de aula prática e reflexões**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2010.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana e cotidiana. Campinas: Papirus, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

REGO, Nelson et. al. (Orgs.). **Geografia e educação**: geração de ambiências. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

TONINI, Ivaine M. **Identidades Capturadas** – gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. Livro didático – territórios em rede? TONINI, Ivaine M. et all (Orgs.). **O ensino da Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1998.